



A Febraban crê que as dificuldades serão superadas em 1992

13

Banco consegue driblar recessão

Considerados imunes aos efeitos da inflação e ao mesmo tempo beneficiários das elevadas taxas de juros, os bancos fecharam 1991, com boa rentabilidade, mas temendo pelo pior. O balanço do período janeiro-setembro mostrou que as instituições financeiras também tiveram que se adaptar à nova realidade econômica através do corte de custos. A recessão desencadeada pela política monetária rígida fez com que os principais bancos colocassem provisões em seus balanços para atender a créditos de liquidação duvidosa.

Este mecanismo prejudicará o desempenho do setor financeiro no primeiro trimestre de 1992, segundo avaliação do presidente da Associação Brasileira de Bancos Comerciais e Múltiplos (ABC), José Carlos Jacintho Campos. O mesmo raciocínio é defendido pelo presidente da Federação Brasileira das Associações de Bancos (Febraban), Alcides Lopes Tápias.

Para ele, a calibragem das taxas de juros deveria ser feita de forma

a inibir a inflação, sem comprometer a atividade produtiva. "A política monetária tem que ser encarada como um agente de combate à inflação e não como fomentadora da recessão", diz o presidente da Febraban.

Tápias faz questão de desmistificar a fama de vilão que paira sobre o setor. "Numa conjuntura difícil o volume de negócios sempre cai, prejudicando a rentabilidade dos bancos que, além disto, têm que pagar taxas elevadas para concorrer com os títulos públicos", explica.

O presidente da Febraban acredita que as dificuldades só serão superadas em 1992 se houver equilíbrio das contas públicas. Para que isto aconteça, ele acha vital que o projeto de reforma tributária e fiscal seja implementado. "A política monetária não pode ser um fim em si mesma", argumenta. Lembra ainda que o desequilíbrio das contas públicas poderá comprometer os enormes sacrifícios que foram exigidos da sociedade, ao longo do ano passado.